



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de assinatura de atos em conjunto com o presidente do Peru, Alan García

Manaus-AM, 16 de junho de 2010

_____ : Os presidentes respondem agora a quatro perguntas da imprensa. Kátia Brasil, Folha de São Paulo.

Jornalista: Boa tarde, Presidente. Presidente, o senhor aumentou aposentadorias contra a vontade da equipe econômica, e o senhor fez isso...

Presidente: (incompreensível)

Jornalista: Tá. É sobre as aposentadorias. O senhor, ontem, aumentou as aposentadorias contra a vontade da área econômica do governo. O senhor fez isso para ajudar a campanha da sua candidata Dilma Rousseff? E o senhor também vai enfrentar o Congresso e cortar as emendas parlamentares para pagar essa diferença dos gastos da Previdência? O senhor está... As emendas dos congressistas que eu estou falando.

Presidente: Kátia, eu, na verdade... houve um tempo em que eu dizia que não ia responder perguntas de problemas internos numa reunião com um chefe de Estado estrangeiro, porque... Mas eu vou responder essa pergunta. Eu vou responder essa pergunta, primeiro, porque eu acho importante as pessoas saberem que o governo tinha proposta e o governo mandou proposta para o Congresso Nacional, o governo mandou uma proposta de reajuste para os aposentados brasileiros de 6,14%, e que essa proposta, ao ser votada no Congresso, ela não foi votada em 6,14%, ela foi votada 7,7%. Houve uma



tentativa de construir um acordo na Câmara, de zero... 7%, o Senado aprovou 14%... de 7,7%.

Pois bem, eu ontem tive que tomar a decisão e eu fiquei imaginando se todos os prejuízos que o Brasil poderia ter seria dar 1,7% de aumento para os aposentados além daquilo que eu já tinha dado, e achei que possivelmente o consumo que essa gente vai ter nesses próximos meses vai recuperar parte desse dinheiro em impostos que o governo mesmo vai cobrar e que vai ajudar a economia brasileira a dinamizar. Ao mesmo tempo, nós só tomamos a decisão de aceitar o reajuste porque a equipe econômica me garantiu que é possível a gente fazer um corte no Orçamento equivalente à quantia que nós vamos dar de reajuste, inclusive as próprias emendas parlamentares. Com base nisso, eu não tive nenhuma dúvida de sancionar.

Agora, eu não sei por que isso ajudaria a Dilma, porque isso pode ajudar o Serra, pode ajudar a Marina. Mas, certamente, tem uma pessoa que eu sei que vai ser ajudada: são oito milhões de aposentados que ganham mais de um salário mínimo. Esses serão ajudados e eu tenho certeza de que eles não vão comprar dólar, não vão comprar carro, eles vão comprar feijão, arroz, meia, roupa, presente para os netos.

Então, eu acho que a quantia não... para um país que quer ser a quinta economia do mundo, para um país que está crescendo o PIB de forma extraordinária, não vai ser 1,7% acima daquilo que já estava recebendo o aposentado que vai quebrar nada neste país. O que nós precisamos é dizer à nação brasileira que nós vamos continuar com a rigidez fiscal, que nós vamos continuar controlando as contas públicas, que nós vamos diminuir o (incompreensível) gasto com custeio para a gente poder garantir que uma parte pobre da população tenha um pouco mais de poder de consumo neste país. Foi isso que nós tomamos a decisão, querida. E pode ficar certa do seguinte: eu não contrariei a equipe econômica, porque em um regime presidencialista, quem decide é o presidente, as equipes me dão orientação, elas me dizem as



alternativas e eu tomo a decisão. É assim que funciona o Brasil no governo Lula e é assim que funciona qualquer regime presidencialista. Está bem?

_____ : Raúl Vargas, RPP.

Jornalista: (incompreensível) cebola e sardinha. Agora vamos colocar um pouco de pimenta à questão. Então, na realidade, o esforço de integração que ambos propõem para a América Latina ainda encontra dificuldades, dúvidas, etc. São revisados os tratados, (incompreensível) passados. Quanto desse esforço integrador pode ser concretizado em função do que tem sido feito através da questão bilateral? Não vamos tão bem na bilateral nesse conjunto latino-americano, nós ainda... nós não nos encontramos presentes no conjunto mundial. O que teria que ser empreendido - talvez (incompreensível) na reunião, já falaram muito da política internacional - o que vocês tentaram fazer nessa questão de integração e que já haja tido bons resultados?

Presidente: Para os dois presidentes. Eu... sabe que uma coisa que me dá muito orgulho é que a primeira ponte entre Brasil e Bolívia foi feita no meu governo; e a primeira ponte entre Brasil e Peru foi feita no meu governo, ou seja, essa é a demonstração mais viva de que o Brasil, que é a maior economia da América do Sul, ficou 500 anos de costas para a América do Sul e, sobretudo, para os países mais ao norte, e foi construído... Se vocês pegarem o mapa do Brasil vocês vão perceber que o Brasil foi construído e durante 500 anos ele funcionou apenas na nossa costa marítima. Somente o Juscelino Kubitschek é que tomou a decisão de levar o Brasil para o Centro-Oeste, nos anos 50, e construiu Brasília. E somente nos anos [19]70 é que os militares, então, tentaram integrar a Amazônia, criando a Transamazônica e a Zona Franca de Manaus, que foi um grande salto no desenvolvimento. Então a verdade é que eu citei o Alan García como exemplo, que já foi presidente entre



[19]85 e [19]90, e ele acabou de dizer que nós já fizemos oito reuniões no período em que ele está no governo – oito reuniões. Eu duvido que durante todo o século passado tenha havido oito reuniões entre o Peru e o Brasil. Sou capaz de dizer que a quantidade de reuniões que nós fizemos no mandato do Alan García é mais do que tudo o que foi feito em 50 ou 60 anos da relação Brasil-Peru. E há uma explicação, há uma explicação, ou seja, o Brasil ficava de olhos na riqueza americana, o Brasil ficava de olhos na riqueza europeia. Para que tratar com os pobres da América do Sul? E a América do Sul recebia (falha no áudio) de que: “Olha, o Brasil é império. Não vamos tratar com o Brasil, porque o Brasil é império, as empresas brasileiras são poderosas”. E as pessoas tinham medo do Brasil, medo do Brasil.

Eu tenho ouvido depoimento de presidentes de outros países contando o que eles ouviam do Brasil há pouco tempo, porque o maquiavelismo tem um ensinamento que é utilizado muito por políticos no mundo: “dividir para reinar”. Eu crio a discórdia entre Lula e Alan García, eu viro amigo do Lula e amigo do Alan García, os dois não se conversam e eu termino tendo uma hegemonia da relação entre os dois. Foi assim durante muito tempo.

Ora, os avanços que nós tivemos nesses últimos tempos são medidos pelo crescimento da balança comercial Brasil-América do Sul, Brasil-América Latina e Brasil-Peru e Peru-Brasil. E obviamente que eu reconheço que nesse aumento de relação entre Brasil e Peru há uma vantagem brasileira no superávit comercial, o que não é importante numa relação comercial sadia. Uma relação comercial boa é aquela que é uma via de duas mãos, em que a gente compre e venda e que haja um certo equilíbrio no final do ano, para que todos os países se sintam confortáveis.

Então, eu penso que esses acordos que nós assinamos agora, e outros que nós já assinamos, são razão de sobra para que a gente acredite que nos próximos anos vai melhorar infinitamente mais a relação entre Brasil e Peru e o crescimento econômico, sobretudo com a Interoceânica, porque facilita,



inclusive, a possibilidade de Manaus exportar produtos pelo porto peruano; vai fazer com que o turismo cresça de forma excepcional, nós já saímos de 3,5 mil turistas por ano para 35 mil transitando pela Interoceânica; mais produtos peruanos poderão vir para o Brasil e mais produtos brasileiros poderão ir para o Peru.

Eu, sinceramente, acho que o avanço na relação comercial na América do Sul, entre Peru e Brasil, depois que nós começamos a trabalhar juntos, aumentou de forma extraordinária, sem que isso tenha diminuído o comércio do Peru com outros países ou tenha diminuído o comércio do Brasil com outros países. E nós ainda não exploramos 10% do potencial do que o Peru pode produzir de energia, do que o Peru pode produzir de minério, do que o Peru pode produzir de fertilizantes, para vender aos países da América do Sul. De forma que eu estou satisfeito pelo presente e muito satisfeito pela perspectiva de futuro que nós temos na relação Brasil e Peru.

Jornalista: Valmir Lima, Diário do Amazonas.

Presidente: Eu sei que vai vir política interna.

Jornalista: Eu sou de um jornal de Manaus, então a minha pergunta é sobre política (incompreensível).

Presidente: Compreendo.

Jornalista: Nós temos ouvido a imprensa divulgar que o senhor não vai estar (falha no áudio) onde houver dois palanques, o palanque da base aliada dividido ou dois palanques para a Dilma Rousseff. Aqui nós temos um típico caso que é muito parecido com o Rio de Janeiro, onde também a imprensa



disse que o senhor já declarou que só vai ao palanque do PMDB, do Sérgio Cabral. Eu queria ouvir do senhor se procedem essas informações...

Presidente: Eu estou achando...

Jornalista: ...e como é que o senhor vai tratar da questão no Amazonas.

Presidente: Eu estou achando você mais ansioso para perguntar do que eu para responder. Olha, deixa eu lhe falar uma coisa, querido. Nós estamos em um processo de transição na política brasileira. Até o dia 3 de julho, se não me falha a memória, está consolidado todo o processo de convenções, oficializados todos os candidatos, e aí nós vamos tomar as decisões que nós tivermos que tomar.

Obviamente que se eu for analisar, se eu for levar muito a sério aquilo que o Tancredo Neves dizia, que dizem que não era ele que falava, que era o José Maria Alkmin, que diz que não era ele, que era “não sei quem”, mas um dia alguém disse: “A política é como uma nuvem. A gente olha para um lado, está com um formato, daqui a pouco a gente olha, está com outro formato”. A política aqui no estado do Amazonas, dois meses atrás, tinha um formato totalmente diferente do que está focalizado hoje. A fotografia de dois meses atrás aqui na política era todo mundo unido em torno de um candidato. Nós tínhamos chapa para o governo, tínhamos chapa para Senado, e todo mundo unido. Esses dias eu fui ver a fotografia, já não está mais assim. A fotografia era diferente. A base que estava unida já não está mais, já tem dois candidatos; quem era senador não é mais, quem não era é candidato ao Senado. Como eu tenho muita intimidade de conversar com as pessoas aqui, todo mundo sabe dos acordos que nós tínhamos aqui, não era acordo em torno de nada não, era de que nós iríamos eleger um governador, eleger dois senadores e queríamos tocar o barco para frente. A gente não (falha no áudio)



2012, não discutia nada. Esse quadro mudou: aquilo que era base aliada está dividida hoje, tem dois candidatos ao governo – tem o companheiro Alfredo, que é ministro, tem o Omar, que é o atual governador –, tem candidatos a senadores que não estavam previstos que são candidatos a senador. Inclusive o PT, que não estava previsto lançar candidato ao Senado, já está lançando candidato ao Senado, e obviamente que mudou o quadro político. Então mudou o quadro político.

Eu queria dizer para a companheira que eu vou ter candidato aqui no Amazonas, até porque nós temos que cumprir a palavra. Agora vamos ter que saber como é que a gente faz essas coisas. Nós sabemos que a grande meta nossa é criar as condições de a companheira Dilma ser eleita, que a campanha dela não seja prejudicada no estado. Eu tenho muita relação de amizade no estado do Amazonas, muita relação. Eu acompanho pesquisas, sei o tanto que o povo do Amazonas tem respeito por mim e que eu tenho por ele, mas, então, eu posso dizer para vocês que no momento certo eu virei aqui, ou em Brasília, anunciar quem é o meu candidato, quem é... Todo mundo sabe os compromissos que eu tenho com o Alfredo, todo mundo sabe que até três meses atrás o Omar não era candidato e agora virou candidato. Então, eu tenho que conversar, por quê? Porque a nossa relação com o PMDB nacional é muito forte, ou seja, nós acabamos de fazer a convenção oficial e lançar o MDB [PMDB] como vice-presidente da Dilma. Nós precisamos ter em conta que essa é uma costura política que tem que ser feita com carinho.

E, bom, eu vou, no momento certo, vir aqui, vocês vão ver minha cara na televisão, vocês vão ver minha cara no comício, e eu espero que isso só possa fortalecer a democracia aqui, no estado do Amazonas. Mas pode ficar certo de que não haverá guerra, não, será tudo na santa paz.

_____ : Rina Hernandez, Frecuencia Latina.



Jornalista: (em espanhol) ...participará e de que forma pode participar que não atinja o meio ambiente? Isso (incompreensível) o que está sendo produzido nessa região específica do Sul.

Presidente Alan García: _____

Presidente: Uma coisa importante para a imprensa brasileira, da pergunta da jornalista peruana: nós, países amazônicos, precisamos tomar muito cuidado com esse debate sobre a questão do clima e o debate energético, porque todos os países pobres que forem construir uma hidrelétrica vão precisar de financiamentos internacionais, e o discurso de proteção ambiental muitas vezes é utilizado para evitar que os países consigam o financiamento necessário para construir as suas obras.

Nós temos que ter muito cuidado de construir os projetos mais ambientalmente corretos possível, mas nós não podemos prescindir da realidade de que a energia hídrica é uma das mais baratas e mais limpas do mundo. Se não for a energia hídrica, nós temos a energia eólica, que não é constante e é muito cara; nós temos a energia solar, que até agora tem uma grande experiência para aquecer uma piscina ou um chuveiro, mas para tocar uma indústria é muito difícil; nós temos a energia nuclear, que é limpa, mas é extremamente cara e nenhum país pobre tem tecnologia para construir a energia nuclear; nós temos a biomassa, que temos que queimar alguma coisa, para um país do tamanho do Brasil nós temos que queimar muito, muito, muito bagaço de cana-de-açúcar ou, podemos, muito cavaco de eucalipto, mas, de qualquer forma, não é mais barata do que a hídrica.

Então, é importante prestar atenção que nós temos que combinar a eficácia de geração de energia, a limpeza da energia no que diz respeito à emissão de gás de efeito estufa e, ao mesmo tempo, o custo megawatt/hora da energia.



Eu estive em Copenhague discutindo a COP-15 e, agora em dezembro, nós vamos ter, no México, a COP-16, que é a discussão da questão do clima: quem vai pagar quem, quem vai economizar o quê, qual é a responsabilidade dos países ricos, qual é a responsabilidade dos países pobres, o que cada um de nós vai ter de responsabilidade com relação à poluição do planeta e à despoluição do planeta. Se a gente não estiver preparado para discutir esse assunto, mais uma vez os países ricos vão achar que fizeram a coisa certa a vida inteira, que nós, que somos países amazônicos, temos que pagar a conta, ou seja...

Ô, Alan, um dado importante que eu tenho orgulho: você sabia que eu sou o presidente que mais criou áreas de reservas legais do mundo? Fui eu. E mesmo assim você não sabe quanto movimento eu tenho de gente proibindo construir hidrelétrica, construir uma coisa fantástica! Então eu queria apenas lembrar aos companheiros da imprensa brasileira e peruana que esse tema é um tema muito forte, eu acho que é um tema correto para ser levantado, a questão do clima tem que ser levada a sério, nós temos que fazer as coisas corretas, mas a gente não pode ficar à mercê dos discursos dos países que já desmataram tudo o que tinha para desmatar, já ganharam todo o dinheiro que tinham que ganhar, já estão ricos, e agora não querem que a gente fique rico. E sem energia nós não vamos a lugar nenhum. Portanto, esse é um debate, Alan, que eu penso que os países amazônicos têm que construir um discurso único para chegar a Cancún, em dezembro, acho que no dia 16 de dezembro, a gente fechar uma proposta porque senão eles vão querer proibir você de fazer hidrelétrica, vão querer proibir o Brasil de fazer hidrelétrica, para a gente poder consumir a tecnologia da usina nuclear que eles têm. Ou é isso ou é termelétrica a óleo diesel, ou termelétrica a carvão, que é muito mais caro e muito mais poluente do que qualquer outra coisa no mundo. Então eu penso que nós, Alan, precisamos fazer uma unidade, a integração sul-americana, e



chegar à COP-16 muito forte para a gente aprovar uma política ambientalmente mais correta.

_____ : Está encerrada esta cerimônia.

(\$31DFGJLMP)